



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede **HAMBURGO** — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



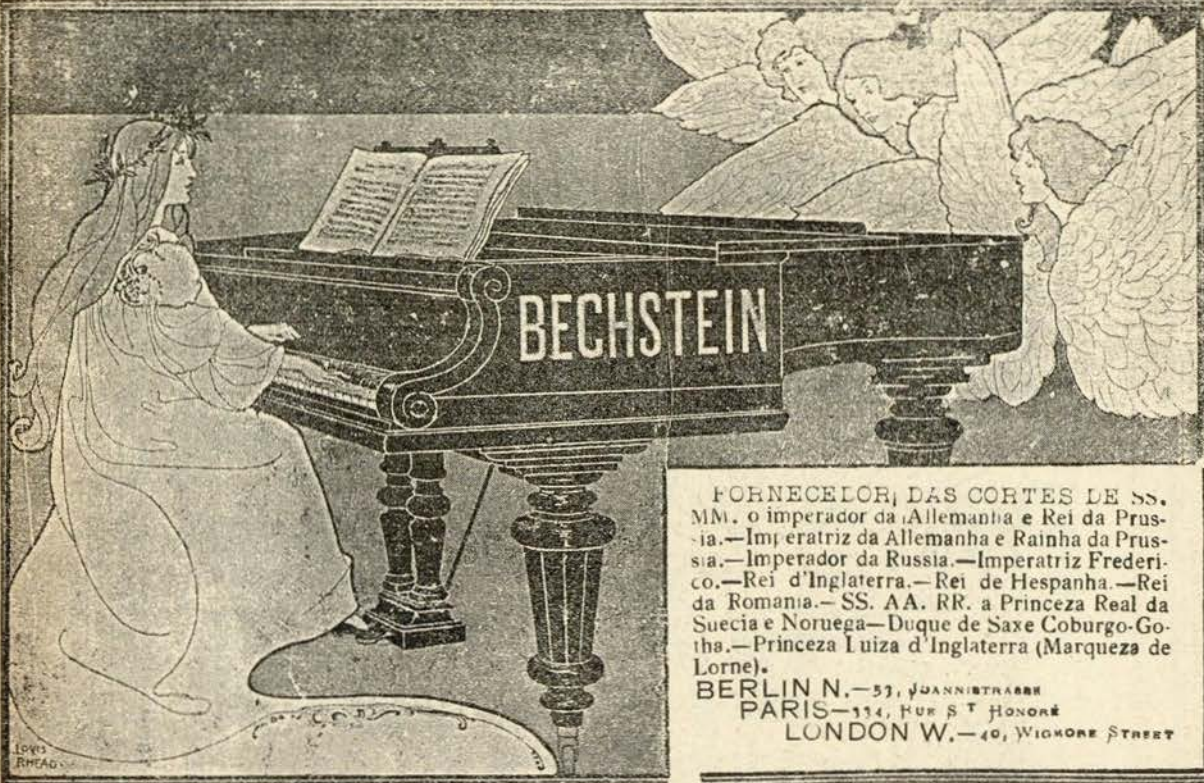
14 bis BOULEVARD POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	3:000 pianos
Produção até hoje	100:000 "

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL.
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Alemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Alemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—53, JOHANNISTRASSE
PARIS—114, RUE ST HONORÉ
LONDON W.—40, WIGMORE STREET

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para ali se azer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Carlos Gonçalves, Julio Cardona,
Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro, Wenceslau Pinto,
Rodrigues Beraud e Pedro José Ferreira*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

LISBOA

Editor

Mich'angelo Lambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO :—O orgão expressivo de Mustel.—Os violeiros antigos.—Cesar Franck.—Concertos.—Noticiario.
—Notas vagas — Necrologia. — Audições musicas.



ALPHONSE MUSTEL

O órgão expressivo de Mustel

II

Alphonse Mustel é uma verdadeira organização de artista ao serviço da causa mais sympathica e nobre.

Seria inconcebível que um descendente dos Mustel manifestasse afeição por outro instrumento que não fosse aquelle de que foi seguindo a evolução. Por entre os operarios, nas officinas de seu avô, decorreram os dias da sua juventude; e na adolescencia, o convívio de artistas illustres que iam ensaiar e admirar os magnificos harmoniums, concluia a iniciação d'esse trabalhador incansavel.

Elle é, portanto, exclusivamente organista, por paixão e por convicção, concentrando todo o radiante vigor dos seus 32 annos n'uma propaganda activa e ininterrupta, pelo livro, pela composição e pelas viagens em audições que se estendem pelas capitães, da Turquia á Russia, da Allemanha á França, da Italia á America.

Não tem attractivos para si a vida bulicosa e irrequieta de Paris, nem á sua alma de poeta agradam as banaes manifestações mundanas. Quem descer o Sena até Saint Cloud descobrirá n'um ponto mais isolado da estrada, já perto de Suresnes, um pequeno mas elegante *chalet* de estylo suíço, cercado de frondosas arvores que brandamente o assombram e quasi o furtam a vistas indiscretas. Em frente das suas janellas, a dois passos, desliza serenamente o rio, sulcado de quando em quando por pequeninos vapores, que com o ruido secco e rythmado das suas machinas perturbam apenas por instantes o calmo silencio d'aquella encantadora morada de artista. No interior existe a paz e o conforto que denunciam a tranquillidade da consciencia e o despreendimento de todas as vaidades que tanto concorrem para o mal estar da humanidade, não poupando mesmo a alma de muitos artistas a nodoas por vezes aviltantes; e é ahí, n'essa deliciosa mansão, que isoladamente vive Alphonse Mustel folheando com avidez os livros que a sua opulenta bibliotheca musical largamente lhe offerece. Bastantes annos da sua vida ahí decorreram em estudos e experiencias para a elaboração da sua volumosa obra sobre o órgão expressivo, onde tão largamente é tratado tudo o que se liga á arte-historia-anatomia e escola d'este instrumento, nada faltando á completa iniciação do executante e até do constructor, que ali encontra lealmente exposta a theoria de todos os processos de fabricação e o detalhe das innovações que

tanta superioridade concedem aos instrumentos de Mustel.

O digno artista não tolera que, havendo todos os fabricantes de pianos uniformisado o typo do instrumento, seja cada órgão diferente segundo o capricho, a fantasia ou a competencia de cada constructor.

Partidario d'um instrumento typo que offereça aos compositores recursos certos e semelhantes para a interpretação das suas obras, elle tem por sua parte dispendido o maior esforço para levar os fabricantes a este desideratum que asseguraria ao harmonium d'arte a posição que lhe pertence de direito perante a litteratura musical. Engana-se quem suppozer restricto e insignificante o repertorio d'este instrumento, e para o comprovar será sufficiente dizer que só o *Catalogo Mustel* registra mais de vinte mil composições diversas para o harmonium publicadas nos diferentes paizes. E' certo que, importante parte d'este fabuloso numero é constituída de mediocres arranjos e transcrições pouco recommendaveis; mas fica ainda inexgotavel quantidade de obras valiosas, concebidas por muitos grandes mestres, a offerecerem-se á selecção d'um espirito esclarecido de executante. E se esta litteratura não é ainda mais rica, tem sido por culpa unica dos constructores, pois não havendo, por assim dizer dois órgãos perfeitamente eguaes, encontraram-se os compositores a braços com a difficuldade de exigirem uma regístração conforme aos effeitos imaginados. Uns órgãos podiam não possuir nenhum dos registros escolhidos, outros poderiam conter sómente registros de character diverso, e como consequencia d'isto, resultava a impossibilidade da execução do trecho ou a obtenção de effeitos que desnaturavam a idéa do compositor. Ora está anarchia, tão antipathica a quem trabalha para um determinado instrumento e que alienava as sympathias dos mestres pelo órgão harmonium, se não desapareceu de todo está modernamente muito attenuada graças á divulgação dos bons instrumentos de *Expressão-dupla* encontrando-se já hoje muitas obras registradas pelos proprios auctores, de duas formas differentes: uma para os órgãos vulgares, outra para os instrumentos do typo Mustel. Mencionaremos entre os principaes compositores que teem esse especial cuidado os nomes de Saint Saëns, Cesar Franck, Th. Dubois, Lemmens, Clement Loret, Samuel Rousseau, Alphonse Mustel, Jules Mouquet, Widor, Guilmant, Marie Irestat, Joseph Bizet, Lefebure Wely etc,

D'esta fórma o executante está directamente iniciado no pensamento do auctor e

as obras devidamente marcadas não soffrem o risco de alteração segundo a phantasia mais ou menos transigente do interprete pouco consciencioso.

Resumem-se pois assim as tendencias modernas relativamente ao harmonium: haver instrumentos de typo uniforme destinados a concerto, e conseguir da importante pleiade actual que para elle compõe assim como dos compositores futuros, a indicação dos menores detalhes de regisração e de *nuance* para a conservação das linhas principaes da sua orchestração, permitta-se nos o termo.

Pode ainda haver quem pense que o orgão expressivo pela multiplicidade dos seus recursos não precisa de repertorio original, bastando adaptar-lhe as peças mais melódicas do repertorio do piano. E' verdade que isso é possível porque o instrumento a nada recusa os seus elleitos, mas a nosso vêr isso representa um erro grave. Esse orgão não é um concorrente do piano nem de qualquer outro instrumento. Para que o piano nunca perca o seu predomínio bastará o esplendor da sua litteratura, a mais rica entre todas, e o primacial papel que elle representa na vulgarisação musical. Para elle escreveu Beethoven as suas *Sonatas* e Schumann, Mozart, Schubert, Chopin, Weber, Liszt, Alkan e tantos outros, as suas obras mais extraordinarias que o decorrer dos tempos não desmerecerá porque são o producto do genio. E' ainda no piano que as gerações decifram com religioso respeito, esse livro monumental que é o *cravo bem temperado* de Bach. Ora emquanto essa litteratura não desaparecer, também o piano não deixará de ser um bello instrumento quando ao serviço de quem faça do virtuosismo um meio e não um fim.

Um instrumento nunca pode ser affrontado nem desthronado por outro de indole absolutamente diversa; e tendo o compositor pensado a sua obra para um dado instrumento de harmonia com os recursos e effeitos que elle lhe offerece, não será um erro transportar-lh'a para outro que completamente lhe transforma o character?

O facto do orgão expressivo, pela sua perfeição, permittir interpretar n'elle obras de piano, não auctorisa a concluir como já expuzemos no nosso anterior artigo, que os processos de execução sejam absolutamente identicos.

A technica de Alphonse Mustel prova o brillantemente e o seu methodo largamente o explica. O orgão expressivo no modelo representado pela primeira gravura do numero anterior da *Arte Musical* dispõe de 23 registros, 2 joelheiras de expressão dupla,

uma *talonnière de grand-jeu* e outra de prolongamento, tudo dependente do funcionamento dos dois pedaes geradores que constituem a parte mais difficultosa para o executante. Todas as gradações que vão desde o *pianissimo* ao *fortissimo*, a accentuação rythmica, o *sforzato*, o *vibrato*, toda a especie de accents e quantos detalhes se ligam intimamente á expressão musical, estão dependentes da ponta do pé. A adaptação grosseira de todo o pé sobre um pedál é apenas admissivel nos orgãos do systema americano e retiraria ao orgão Mustel muitas das suas mais bellas qualidades que teem de ser originadas n'uma boa *reprise* de cada um dos pedaes, na flexibilidade do artelho e na sensibilidade da ponta do pé, em certas occasiões appoiado quasi verticalmente. O ataque do teclado livre e franco, requer em determinados jogos cuidados especiaes na preparação da nota e na sua ligação, desde que em certos registros o instrumento responde com promptidão exaggerada emquanto que n'outros, pela excessiva grandeza da palheta que demanda para a sua vibração maior deslocação de ar o não réalisa tão rapidamente. Ha ainda muito mais pormenores de capital importancia para uma boa execução que não descreverei aqui para me não afastar demasiadamente da indole d'estes artigos mas creio ter demonstrado sufficientemente que a technica do instrumento não é perfectamente igual á do piano. Comtudo por mais complicada e embaraçosa que ella pareça é rapidamente abordavel para quem disponha de iisongeiros conhecimentos da arte e da technica inherente aos instrumentos de teclado.

Alphonse Mustel é devéras interessante pela simplicidade e finura da sua execução.

A sua delicada organização poetica, escolhe de preferencia as obras de character expressivo, em que a sua fórmula de sentir, melhor se expande. As qualidades technicas de Joseph Bizet o seu *partenaire* habitual são totalmente inversas. Este, é dotado d'um temperamento fogoso, ardente, que lhe reclama as grandes sonoridades do instrumento e as passagens que melhor ponham em evidencia recursos vigorosos de pianista. Mustel, serve-se principalmente dos registros e combinações mais doces e expressivas do seu orgão, dizendo uma phrase a primor e sendo delicioso no emprego das meias tintas. O auditor, a distancia, ao contemplal-o erecto, firme, deslizando das passagens mais ternas e melancolicas para as que demandam a mais exaggerada força dos pedaes, sem uma deslocação de corpo ou contorsão desgraciosa, tem a sensação de que todos os effeitos do instrumento são conseguidos ao

simples percorrer dos dedos no teclado. E é esta a verdadeira escola do órgão expressivo. N'este instrumento, o executante tem de sêr exteriormente, sobrio, simples, desprendido da mais ligeira affectação, e ao mesmo tempo não chegar a exaggeros ridiculos de expressão pelo facto de dispor d'um órgão que responde a todas as gradações do sentimento. E' de boa doutrina artistica que o *virtuose* execute as maiores difficuldades, dando aos seus ouvintes a impressão de que tudo o que faz é facil, simples e espontaneo.

Como compositor, Mustel é um espirito moderno em todo o sentido, arrojado na harmonia, um tanto affeçoado ao chromatismo e, não será deshonoroso affirmar-o, evidentemente influenciado pelo mestre de Bayreuth. Ainda bem. Do numero já avultado das suas composições para órgão expressivo ou para *órgão celesta*, citaremos como as mais demonstradoras d'um original talento as *Scènes et Airs de Ballet, Vesper, Evocation, Largo, Détresse, Bises de nuit, e au Pays Breton* musica d'adaptação ao poema de René Delbost, com quadros e sombras de Eug. Frey.

Duas *tournées* realizadas na Allemanha em 1900 e 1901 por Mustel e Bizet foram coroadas d'um exito superior a toda a expectativa. A imprensa e a critica mostraram-se entusiasmadas com o instrumento e com os instrumentistas, n'uma unanimidade de opiniões elogiosas que raro poderá ser igualada n'aquelle paiz. Otto Lessmann, um dos chefes da critica allemã, affirma que no mundo inteiro nenhum fabricante chegou a apresentar instrumentos que se approximem sequer dos de Mustel. *Die Post* reclama uma classe especial nas escolas de musica para aprender aquelle harmonium. *A Berliner Zeitung*, o *Kleine Journal* e muitos outros, exaltam as qualidades do instrumento e espantam-se que elle permita o *stacatto* com igual facilidade á d'um piano; e fazem-no em termos tão calorosos qua devem constituir a maior gloria para um inventor francez.

A criação do *Celesta* instrumento de laminas de aço veio tornar ainda mais conhecido e apreciado o nome dos Mustel. Todos os compositores dramaticos modernos o empregam na sua orchestração aonde elle imprime a nota do seu timbre curiosissimo, vibrante e inconfundivel.

A adaptação d'este instrumento ao órgão expressivo, deu origem ao *Órgão Celesta*, o que representa a ultima palavra na perfeição d'uma factura complicadissima, que os leitores facilmente aperceberão pela segunda gravura inserta no nosso primeiro artigo, que tão nitidamente desvenda o córte d'um d'aquelles instrumentos de tres tecla-

dos. Infelizmente o seu custo fabuloso e a complicação inherente á sua technica não permitem que elle preste resultados praticos tão valiosos como os do órgão expressivo que detalhadamente descrevemos, e que é, por assim dizer, o instrumento-typo.

Finalmente, a vastidão do assumpto impunha um mais largo estudo sobre tudo o que se relaciona com elle, mas julgo ter dito o sufficiente para os que teem a coragem de entre nós se occuparem de coisas d'arte. A minha homenagem aos inventores e ao artista é sómente originada na admiração e no reconhecimento pela lealdade e sinceridade dos seus conselhos e das suas lições.

Porto, Novembro 1904.

ERNESTO MAIA

OS VIOLEIROS ANTIGOS

(Continuação de uma serie de artigos publicados nos numeros 107, 110, 111, 112, 113, 117, 120, 125, 127, 130, 133 e 136).

Violeiros de outros paizes

Alludem alguns auctores a uma *escola ingleza*, que teria produzido artistas de grande notoriedade no fabrico d'instrumentos d'arco, havendo até quem affiance (1) haver notaveis affinidades entre o estylo dos instrumentos de Brescia e o dos primitivos violeiros ingleses, no seculo xvii.

Essa semelhança de estylo é particularmente accusada nas violas e violinos de *Barak Norman* (1688-1740) que ora na forma do modelo ora nos arabescos e filetes com que embellezava os seus instrumentos se inspirava quasi sempre no typo Maggini. Parece tambem que foi o primeiro a fabricar violoncellos em Inglaterra, seguindo ainda n'estes as tradições do reputado mestre de Brescia.

Mais tarde voltaram-se as atenções para os Stainer e para os Amati, a quem se davam todas as preferencias.

N'essa nova orientação, não se podem passar em silencio os nomes de *Benjamin Banks* (1727-1795) e *William Forster* (1739-1807), artistas de cunho, que, se não puderam notabilisar-se pela originalidade dos seus productos, tiveram uma justa celebridade pela perfeição das suas copias.

(1) G. Hart — obra cit.

O primeiro d'esses violeiros occupa o mais alto logar entre os artistas ingleses que se votaram á industria do violino. Dizem o até o *Stradivarius* inglez, mas tal denominação só nos parece que tenha motivo de ser pelo facto de se referir ao melhor artista do seu paiz e não pela novidade do seu trabalho, nem pela excellencia dos vernizes que empregou e a que não pode dar um aspecto realmente agradável, apezar de muito transparentes e ricamente variados de côr.

Mostrou Benjamim Banks constante preferencia pelo modelo de Nicolau Amati, que chegou a copiar com inimitavel perfeição.

Quanto a William Forster, começou por imitar Jacob Stainer e os instrumentos que fabricou até 1770 tem todas as características do notavel mestre allemão, não sendo porem tão perfeitos como os que se lhe seguiram, subordinados á imitação dos melhores modelos de Antonio, Girolamo e Niccolò Amati.

Variavam muito as madeiras e os vernizes nos violinos e violoncellos de William Forster, mas são todos excellentes e gozaram durante muitos annos de uma enorme reputação em Inglaterra.

Contam-se ainda alguns outros artistas de nome entre os violeiros da chamada escola ingleza: — *Richard Duke* (1750-1780), tambem copista de Stainer e de Amati — *Bernard Fendt* ou *Fent* (1756-1832), cujo parentesco com o Fent de Paris parece comprovado — *John Frederick Lott*, que collaborou com o anterior nos instrumentos que tem a marca de Thomas Dodd — *Charles Harris*, que se deu principalmente a copiar *Stradivarius* e que o fez com notavel pericia e outros que seria longo enumerar.

Nos outros paizes houve tambem, como é obvio, artistas meritorios e alguns mesmo se notabilisaram por tal forma, que seria injustiça não os mencionar aqui.

A Belgica sobretudo que em Bellas Artes esteve sempre e está ainda na vanguarda das nações mais cultas, daria um bom contingente de nomes a quem quisesse fazer prolixamente a historia da *lutherie* n'este encantador paiz.

Só os *Willems*, violeiros estabelecidos em Gand no seculo xvii e primeira metade do immediato, deram assumpto a um folheto biographico de rasoaveis proporções ⁽¹⁾ e não contamos os *Chevrier*, os *Comble*, os

Matthys Hofmans, os *Nicolas Vuillaume* e varios outros que se tornaram mais ou menos conhecidos n'esta industria.

Na Hespanha salientou-se um violeiro granadino, de nome *José Contreras*, que floresceu de 1745 a 1775 e firmou alguns instrumentos de incontestavel merecimento

São do mais bello estylo italiano e os *ff* lembram vagamente Guarnerius; o verniz é em geral de um vermelho ambar do melhor effeito.

Só conhecemos um *Contreras* em Portugal, o que possui o coronel Julio de Magalhães, em cuja familia o amor pela musica e o cultivo do violino são por assim dizer uma tradição que se vae perpetuando de paes para filhos.

Na America do Norte, paiz novo por excellencia, a arte do violeiro não podia deixar de ser moderna, mas entre os artistas contemporaneos ha alguns muito valiosos. Pertence a esse numero *Jorge Gemunder* de Nova York, que mereceu ao fino e criterioso espirito de Alberto Bessa uma minuciosa noticia no numero 121 d'esta mesma revista.

Pena é que tendo percorrido os principais paizes productores, e tendo-nos baseado em dados mais ou menos positivos, que os melhores livros da especialidade authenticaram, quasi se não possa alludir ao nosso proprio paiz, por absoluta ignorancia de causa.

E no emtanto houve em Portugal dois ou tres violeiros, cujo nome e cujas obras chegaram até nós aureoladas d'uma justa fama, sem que todavia se tenha até agora descoberta a menor nota biographica que satisfaça a nossa legitima curiosidade.

Quem não ouviu fallar de *Joaquim José Galvão*?

O professor Ernesto Vieira no seu Dictionario biographico expressa-se nos seguintes termos, referindo-se ao notavel artista portuguez: — «Apesar de serem estimadissimos e cotados por elevado preço os raros instrumentos de Galvão que tem apparecido, viveu elle bem obscuramente, pois que ainda não pude obter a seu respeito a mais insignificante noticia biographica.»

O quarteto Galvão que existe no paço da Ajuda e pertenceu ao fallecido rei D. Luiz

⁽¹⁾ Straeten e Snæck — Etude biographique et organographique sur les Willems etc.

constitue um conjuncto de specimens muito interessantes da fabricação do notavel mestre portuguez, que evidentemente se inspirou nos melhores productos da sua epoca e em especial nos modelos italianos de maior nomeada.

A etiqueta do violoncello é formulada n'estes termos:

Joaquim Joseph Galvão fecit Ulyssipone 1769, tendo os dois violinos e a violeira a mesma data.

A parte este bello quarteto, condemnado por especiaes circumstancias ao mutismo e á immobildade, só nos consta que reste em Portugal, dos famosos productos de Galvão, um esplendido violoncello de som formosissimo e avelludado, que José Relvas conta entre as suas preciosidades d'arte e que o é realmente tanto pela excellencia da manufactura como pela raridade da marca.

Foi comprado este magnifico instrumento em 1875 a Ernesto Victor Wagner, que por seu turno o adquirira, ao que se julga, por compra feita em um convento. Tem a seguinte etiqueta:

Joachinus Josephus Galram Fecit Olisipone 1785,

Outro violeiro portuguez, igualmente desconhecido dos biographos da especialidade é *Antonio Ferreira Sanhudo*. Esse nem figura no Dictionario de Vieira, o que é tanto mais para estranhar quanto é certo que viveu em epoca muito posterior a Galvão e teve tambem uma relativa fama.

Crêmos haver muitos exemplares do seu fabrico em Portugal, mas só chegou ao nosso conhecimento um violino, com a data de 1846, d'uma extrema delicadeza de factura e que se encontra actualmente á venda no estabelecimento de Videira, Napoles & C.^a, do Porto, com o preço marcado de 45.000 rs.

Artista de vida muito modesta, Antonio Sanhudo habitava uma das velhas e feias ruas na parte baixa da cidade do Porto, a rua da Bainharia, e trabalhou até 1869, data em que falleceu.

Os seus trabalhos em violinos, pois que tambem fabricava outros instrumentos de corda, foram na sua quasi totalidade executados sob a direcção do insigne violinista Sá Noronha. Deixou alguns exemplares de subido merecimento e elevado preço, embora não mostrassem grande originalidade. Eram em geral copias em que o acabamento era excellente, mas cuja sonoridade não era muito poderosa, devido talvez em parte á qualidade das madeiras empregadas.

Foi seu continuador o irmão *Jose Sanhudo* até ao anno de 1894, em que falleceu.

Houve tambem na mesma rua da Bainharia um violeiro de nome *José da Fonseca*

que ha cerca de trinta annos e depois dos Sanhudos era o unico a quem se podia ali confiar a reparação dos instrumentos de preço.

Deixou algumas rebecas, cujo preço regula de 30 a 40 mil réis e que não são desituidas de merecimento; fez mesmo segundo nos informam alguns violoncellos.

Dirigia-o n'esses trabalhos, ao que se diz, o eminente violinista portuense, Nicolau Ribas.

Actualmente existe um exemplar dos violinos de Fonseca, com a data de 1852, em poder do violeiro Manoel Godinho, na rua de Santa Catharina. (1)

Podemos ainda citar um *João Vieira da Silva*, que viveu em principios do seculo xviii e do qual existe no Kensington de Londres uma formosa cythara, como 6 pares de cordas, toda recamada de madre-perola, tartaruga e marfim.

E se não ha prova de que este tenha fabricado violinos, outro tanto se não pode dizer de *Antonio José da Cruz Moura*, fabricante portuense que não só os construia *ad usum patriæ*, mas teve mesmo a audaciosa prosapia de mandar um d'elles á exposição franceza de 1867.

Verdade seja que tanto elle como outros collegas que se lançaram em identica aventura, vieram a cahir nas garras do bom Commettant, que lhes foi dizendo:— «*Le Portugal fournirait plus facilement un monarque à l'Espagne qu'un bon instrument à qui que ce soit.*»

E escreveu-o em letra redonda.

Mas apesar d'isso, se quisermos reconstituir a nossa historia musical, forçoso se nos torna esclarecer a vida e os trabalhos não só d'esses artistas, como de todos os outros, ainda os mais obscuros, que se tenham occupado d'esta industria especial. Anima-nos a esperanza de que algum investigador paciente e corajoso, levado no santo ardor de preencher esta larga lacuna da nossa historia artistica, chegue um dia a poder promemorar a biographia dos nossos violeiros e sobretudo a figura primacial d'esse quasi legendario Galvão, que seria na especialidade de que vimos tratando, a mais pura das nossas glorias.

E' uma esperanza que mais se nos avigora hoje, sabendo que um dos nossos mais eruditos e mais tenazes rebuscadores de documentos historicos — o dr. Sousa Viterbo — artista tanto pelo coração como pela palavra, letrado illustre a par de subtil commen-

(1) Devemos uma grande parte d'estas informações ao distincto amador portuense sr. Henrique Pereira de Oliveira, cujo auxilio cordealmente agradecemos.

tador, a quem a historia da nossa Arte já tanto deve, tem concretisado uma tal copia de elementos e subsidios que a luz ha de fazer-se em muitos pontos obscuros dos nossos fastos musicaes logo que este sabio

trato, e de uma desenvolvida narração biographica.

Hoje, a França musical, tão justamente ciosa dos seus heroes (1). proclama o genio incomparavel de Cesar Franck e levanta-lhe



Monumento a *CESAR FRANCK*

investigador se resolva a dal-os á publicidade.

(Continúa)

L

CESAR FRANCK

E' a segunda vez que a *Arte Musical* presta a sua homenagem á memoria d'este grande mestre, sendo a primeira logo nos inicios do jornal com a publicação do re-

no *square* do Santa Clotilde, uma estatua de marmore, mesmo junto á basilica que elle durante tantos annos inundou com a angelica suavidade dos seus cantos.

Era tempo de fixar na pedra esta figura colossal de classico que na nossa epoca é o mais directo representante de Beethoven e de Schumann. Era tempo em boa verdade;

(1) Cesar Franck era belga de nascimento, mas estudou em Paris, onde se conservou até ao fim da sua vida.

mas tambem era tempo de conhecer e divulgar a sua obra magistral, e se não fôra Colonne em França e alguns dos mais notaveis cultores da musica de camara em diversos paizes, essa admiravel obra estaria ainda quasi inedita, quatorze annos depois da morte do seu genial creador.

Portugal, é claro, não se apressa. *Amanhã* ainda é tempo; e se não fossem algumas tentativas da Sociedade de Musica de Camara é de crêr que o nome de Franck fosse, ainda hoje entre nós, completamente ignorado.

Felizmente vamos ouvir n'um proximo concerto, alem do encantador *Preludio*, *Fuga e Variação* para órgão e piano, esse impetuoso *Quinteto* que é uma das mais bellas e vigorosas paginas de Cesar Franck, e talvez n'um futuro proximo o genial *Quarteto*, que no dizer dos mais auctorizados criticos, é como forma e estylo a obra mais sublime que se tem produzido n'este genero.

Essa é um salutar exemplo a seguir, e quasi diremos que é mais meritorio fazer amar a obra modelar dos mestres, que consagral-os no marmore das estatuas.



NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LXVII

De Lisboa

Com que, é facil criticar e destruir, mas fazer ou recompor reputa-o mais difficil?!

Pois será boa amiga, sómente, nos limites do possivel, eu não me eximo, pela parte que me toca, a trazer a minha pequenina pedra para a reconstrucção do que porventura haja tentado ir demolindo...

Assim, por exemplo, sem me querer dar ares de sabio, o que seria ridiculo, e menos ainda sem pretender ter opiniões definitivas sobre tudo e sobre todos, o que seria imbecil, não ousa negar-lhe que em determinados assumptos ousa pensar pela minha cabeça e ver pelos meus olhos, nenhuma duvida me assaltando nunca em expender com a clareza de que posso dispor aquillo de que estou convicto.

Em religião e em politica, em arte e em moral, creio mesmo que com effeito ninguem haverá, que chegado a uma certa altura da existencia e desde que não se tenha limitado ao commodo e incaracteristico papel de espectador, ou de phonographo, não conseguisse arranjar para seu uso um con-

juncto de principios obedecendo a um ponto de vista, e taes principios julgo que tambem ninguem hesitará em expol-os com desassombro e consciencia, quando as circumstancias se proporcionem e a occasião pareça pelo menos apropriada.

Devo por isso assegurar-lhe que nenhuma duvida teria, discutindo de boa fé com um clerigo, não fanatico, em lhe apontar, dado que com isto alguma coisa se gannhasse, as reservas que faço em varias das aliás venerandas cousas que a disciplina ecclesiastica manda talvez acceitar como materia de dogma, mas que á nossa razão repugnam, como incompativeis com a propria essencia dos mundos e da vida.

Em politica cada vez mais me convenço que a formula a encontrar não estará porventura demasiado longe d'este objectivo ideal: — constituir grandes democracias dirigidas por aristocracias, mas estas emanando d'aquellas, e n'ellas se recrutando constantemente.

Em moral supponho que teremos sempre de dar uma especie de consenso organico áquella porção de habitos e costumes que a sociedade dia a dia vae creando e adoptando, e que vindo do mais fundo do seu proprio modo de ser, a outra cousa não visam que não seja a de combinar as solicitações dos organismos individuaes com as exigencias do organismo social.

N'este ponto, religiões e philosophias podem discretear e discreteiam muito bem, mas em geral são forçadas a acceitar os factos consummados, quando estes avultam em numero bastante grande para imprimir ca racter ás collectividades e facetar o seu meio e o seu viver.

Augusto Comte dizia que ás diferentes religiões se devia muita gratidão porque ellas contribuíram para fortificar no mundo os laços da solidariedade e do amor, mas o proprio egoismo tambem n'elle teve o seu papel, e depois nem sempre os mais altos e generosos instinctos da Humanidade os vimos promanarem das imposições do pharisaismo ou dos mandados das theocracias, antes pelo contrario...

Finalmente, em arte, ninguem de certo desconhece que variando não só de seculo para seculo, mas de decada para decada, a nossa comprehensão da Belleza, e as nossas noções de esthetica, periodicamente o mundo assiste á revisão de sentenças promulgadas pelo tempo, pelo que é, em proporção, exigua a quantidade de verdadeiras e consagradas concepções do genio humano perante as quaes todos se curvem submissos e enlevados.

D'onde o haver-se quasi, por um com-

mum accordo, chegado a esta conclusão saudavel: só são realmente grandes e imperecivelmente bellas as obras que dentro da maxima simplicidade conteem a maior verdade, dando, é claro, a este ultimo termo a accepção que melhor se harmonise com o estado geral dos nossos conhecimentos sobre a natureza e sobre a vida, pois que só interpretando uma e aprendendo a conhecer a outra, nós todos nos iremos tornando mais justos e menos intransigentes, mais tolerantes e menos egoistas...

Aqui tem, minha senhora, a muito largos traços, o que francamente penso sobre essas transcendentes e colossaes materias que enamoram o espirito de tantos sonhadores e agitam o coração de tantos visionarios, o que tudo ainda ousou resumir n'este vulgar conceito: buscar a Belleza seguindo a Verdade, amar a Justiça servindo a Bondade.

E' verso mas pôde inspirar-nos a prosa e melhor do que tudo regular-nos os actos...

AFFONSO VARGAS

CONCERTOS

A 3 deu se em casa do sr. Manuel Pereira, secretario particular do sr. presidente do conselho um concerto em que tomaram parte Mme Ruy Pereira amadora de canto de bellissima voz, a sr.^a D. Paulina Stegner Judice, pianista já de ha muito conhecida no nosso meio musical e o sr. Arthur Trindade, barytono de grandes recursos que tem estado a estudar o bel canto em Roma, sob o patronato do governo.



A 12 d'este mez effectua-se em Coimbra um concerto organizado pelo illustre pianista Oscar da Silva, com o concurso de varios amadores, as sr.^{as} D. Amelia Jany, D. Beatriz e D. Elvira Pinheiro e os sr.^s Luiz Pinto d'Albuquerque, Mauricio Costa e Luiz Ribeiro.

O programma, que temos á vista é muito interessante e variado, mas as informações do nosso amavel correspondente em Coimbra não nos chegarão a tempo de serem publicadas n'este numero.



No salão da Trindade realisou-se na mesma data de 12 a apresentação publica do menino Agostinho Teixeira, a que já nos referimos no anterior numero e cujo retrato reproduzimos n'este.

Affirmou-se-nos com esta nova audição o parecêr que já tínhamos formulado a respeito d'esta creança, excepcional em verdade, mas que convem enveredar quanto antes no caminho d'uma boa escola e d'um pertinaz e bem orientado trabalho.

A primeira cousa que Agostinho Teixeira tem a fazer, a nosso vêr, é pôr por agora de parte a Sonata de Beethoven, bem como o Nocturno e Valsa de Chopin, com que fez a sua estreia publica em Lisboa, não porque n'ellas não mostrasse qualidades realmente raras em tão verdes annos, mas porque são obras superiores ás suas forças e á capacidade artistica de que por ora pode dispôr o joven artista.



Este nosso parecer, na sua rude sinceridade, estamos a vêr-o confirmado pelo illustre professor Hernani Braga, que vae, como já dissemos, encarregar-se da educação musical do moço pianista.

Talento não lhe falta e ha de ir longe, se não quizer precipitar os acontecimentos, e tiver a persistencia precisa no estudo que vac empheender; para evidenciar esse talento não era preciso mais que os acompanhamentos que fez ao violoncellista Manuel Silva, e que foram realmente notaveis.

Este joven violoncellista tambem merece menção especial; tem feito grandes progressos, sob a intelligente direcção de Moraes Palmeiro, e occupará mais tarde um optimo lugar entre os nossos artistas.

Outro tanto podemos dizer de D. Camilla Casaes de la Rosa, a talentosa discipula do maestro Goñi, que nas peças que lhe couberam no programma, mostrou grande firmeza e um bellissimo estylo.

Do resto do programma seria injustiça não destacar a sr.^a D. Africa Calimerio, cuja formosissima voz põe uma nota de irresistivel encanto em tudo o que executa.

Foi longa e justamente victoriada.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Visitou a nossa redacção o maestro Mor^o que esteve ultimamente como director das massas coraes em S. Carlos, e que vae estabelecer-se em Lisboa como professor de canto.

Desejamos lhe as maiores fortunas.

Saiu á luz e já foi profusamente distribuido o annuario da *Sociedade de Musica de Camara*, referente aos trabalhos da epoca transacta. Pelo que se vê da transcripção dos programmas, executaram-se obras de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn, Schumann, Brahms, Godard, Grieg, Saint-Saëns, Vincent d'Indy e Ricardo Strauss.

As condições para a admissão nos concertos da proxima epoca, são as seguintes:

I

A epoca é de 8 concertos, realizados desde o corrente mez de novembro até junho de 1905.

II

O subscriptor pode inscrever-se em qualquer data, pagando no acto da inscripção a quantia de 4.000 réis e dois mezes depois o que falte para liquidar as quotas referentes ao numero de concertos restantes á razão de 1.000 réis cada um.

III

Pode facultar se ao subscriptor o pagamento mensal de 1.000 réis, sempre que a inscripção se effectue antes de realizado o primeiro concerto da epoca.

IV

O subscriptor tem direito a receber tres bilhetes para cada concerto, que lhe serão entregues conjunctamente com o aviso para os concertos.

O subscriptor tem direito a receber mais bilhetes, havendo os.

V

A marcação dos logares pode effectuar-se á rasão de 100 réis cada logar e é obrigato-

ria para os subscriptores que requisitarem mais bilhetes além dos 3 que lhes competem.

Parece decidido que o primeiro concerto seja a 22 do corrente, tomando n'elle parte por gentileza especial á Sociedade, o illustre professor portuense Ernesto Maia, que tará ouvir no *Adagio e Rondó* de Weber e no *Prelude, Fugue et Variation* de Cesar Franck o harmonium artistico de Mustel, que tanto entusiasmo tem despertado nos centros musicaes do estrangeiro.



Em 3 d'este mez partiu para Milão, afim de aperfeiçoar-se na sua arte o sr. Julio de Sousa Camara, alumno de canto dos illustres professores Augusto Machado e Alberto Sarti.

Vae ao que parece subsidiado pelo Estado.



A instancias de muitos dos seus amigos e admiradores resolveu o notavel professor portuense, sr. Ernesto Maia, dar em Lisboa uma audição de *Harmonium Mustel*, instrumento da mais alta perfeição e variedade, do qual a nossa revista se occupa detidamente em outro logar.

Pela descripção que nos tem sido feita e pela impressao que nos deixou em Paris a audição d'esse admiravel instrumento, que tivemos occasião de apreciar no salão do proprio fabricante, podemos affirmar que o *orgão expressivo* constituirá para o publico de Lisboa uma das novidades mais sensacionais da presente epoca de concertos.

Ernesto Maia consagra essa audição aos representantes da imprensa periodica e realisa-a a 19, no salão Lambertini, ás 3 1/2 da tarde.

O programma vae transcripto no fim d'este numero.



A 6 d'este mez effectuou-se no salão da Trindade, sob a direcção dos srs. Neuparth & Carneiro uma audição de *Phonola*, apparelho destinado á execução mechanica das peças para piano.

No seu genero e uma machina bastante perfeita e faz boa figura ao lado das Pianolas, Pianistas, Angelus e outros apparelhos similares.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.



Abriam no principio do mez os cursos de piano e de canto, respectivamente dirigidos pelos illustres professores Rey Colaço e Sarti.



O exito da nossa notavel violoncellista Guilhermina Suggia nas cidades allemãs que tem percorrido tem sido verdadeiramente colossal.

Em Leipzig, d'onde acabamos de receber noticias, o successo foi estrondoso e Arthur Nikisch, o grande *Capellmeister* allemão, convidou a nossa compriota para tocar novamente no Gewandhaus durante a proxima epoca.



Veiu-nos á mão o original *menu* d'um banquete offerecido em S. Louis aos musicos portuguezes e outros que ali se encontram actualmente ou por qualquer forma ali são conhecidos.

O *menu* que é realmente engraçado merecia uma transcripção integral, se podessemos dispor de mais espaço; mas em todo o caso ahí vae uma amostra.

Soup

Caldo de gallinha à la Maestro, Oscar da Silva
Purée à la Festival Hall Bureau of Music.

Fish

Lobster à la maestro M. Benjamin.

Roast

Lamb à la Musical Courier of New-York.
Game à la theatre of Bayreuth.
Roast-Beef à la Violino of Ysay.

e assim por diante, havendo entre outras iguarias um *Ice cream à la pianista Vianna da Motta* que muito prazer teriamos em provar.

Mas, a tal lagosta do maestro Benjamin, essa é na verdade impagavel...



Partiu para o Porto o violista Antonio Cano, mas adoeceu no comboio e teve de recolher ao hospital de Santo Antonio, d'aquella cidade.



As operas novas que se annunciam este anno para S. Carlos são: a *Cabrera* de Dupont, *Thais* e *Griselidis* de Massenet, e *Manuel Menendez* de Filiasi.



Tem sido brilhantes os concertos da exposição de S. Louis, tomando parte em muitos d'elles, com extraordinario exito, o nosso amigo e distincto barytono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho.

Tambem se tem ouvido ali muitos trechos de musica portugueza, estando particularmente em voga o sympathico compositor Oscar da Silva, de cuja *D. Mecia* se

tem executado alguns dos mais bellos numeros.



O hymno executado por occasião da inauguração do monumento a Soares dos Reis, no Porto, foi expressamente escripto pelo professor Arthur Angelo.



O notavel artista e professor Rey Collaço pediu a sua demissão de membro do Conselho musical do Conservatorio Real de Lisboa.



Não dissemos a seu tempo o que foi resolvido com respeito á *Associação dos professores de musica*, cuja dissolução foi proposta em sessão de 18 de agosto

Effectivamente as diversas associações de musicos, então existentes, que obedeciam cor'o se sabe a diversos intuitos, foram fundidas em uma só, que hoje vigora sob o titulo de *Monte-pio Philarmónico*.

Existe porém ainda a *Real Irmandade de Santa Cecilia*, sendo os socios do Monte-pio obrigados a pertencer á referida irmandade.



A Tuna Academica de Coimbra sahirá nas proximas ferias para Hespanha, tencionando apresentar-se em varias cidades do visinho reino.



Quiz gentilmente encarregar-se das nossas correspondencias de Coimbra o sr. dr. J. Leite Junior, a quem manifestamos a nossa maior gratidão.

DO ESTRANGEIRO

A cerimonia da inauguração do monumento a Cesar Franck, na praça de Santa Clotilde, em Paris, revestiu uma grande solemnidade.

Estava representada a quasi totalidade dos musicos francezes, sob a presidencia de Vincent d'Indy que foi um dos principaes promotores da manifestação, organizando para o effeito um *comité* de antigos alumnos e admiradores do Mestre.

Por subscripção publica conseguiu este *comité* obter os fundos necessarios para a construcção do formoso monumento, que n'outro logar reproduzimos, e que é obra do illustre esculptor Alfred Lenoir, o mesmo a quem se deve a estatua de Berlioz e que gosa em França de uma grande reputação.

Na festa inaugural discursaram, além do notavel compositor Vincent d'Indy, o director das Bellas-Artes Henri Marcel, o director do Conservatorio Theodore Dubois, o eminente director d'orchestra Eduardo Co-

lonne e muitas outras personalidades importantes no meio musical parisiense.

A seguir realizou-se na igreja de Santa Clotilde, uma imponente cerimonia religiosa com a audiçãõ de algumas das mais celebres composições de Cesar Franck, que, como se sabe foi durante 32 annos organista d'aquella basilica.



Uma fanfarra parisiense de 120 executantes vae executar no proximo mez nada menos que a symphonia em dó maior de Beethoven, na integra!

Sabendo-se quanto esta obra é delicada, mesmo na orchestra symphonica, poderá avaliar-se das difficuldades a vencer n'uma transcripção tão bizarra.



Domenico Bellando, o inspirado auctor da *Nostalgia e Melodia romantica*, que a nossa casa editora publicou ha mezes e que tão grande exito obtiveram entre as nossas pianistas, acaba de ser nomeado, apoz um brilhante concurso, para reger a nova cadeira de orgão, no Conservatorio de Genova.

Bellando tem estado sempre em Genova como organista e aos 14 annos já era nomeado maestro da cathedral.

NECROLOGIA

Falleceu Paul Delmet, conhecido compositor francez, auctor do *Petit Pavé*, *Stances à Manon* e outras melodias que se tem popularisado não só nos cenaculos de Montmartre, mas mesmo em toda a França e fóra d'ella

Sem ser um innovador, teve o merecimento de tirar a canção franceza da obscuridade em que se arrastava no café-concerto e, modernizando-a, restituiu-a á tradiçãõ dos Henrion e dos Beranger, que tanto illustraram o genero.



Com 77 annos finou-se a grande violinista Theresa Milanollo, hoje M.^{me}Parmentier.

Nascida em Savigliano, ao pé de Turim, em 28 d'agosto de 1827, foi desde verdes annos concertista de grande nomeada e deu miutos concertos em Inglaterra, França e Allemanha conjunctamente com sua irmã Maria Milanollo.

Em 1857, casando se com o capitão Parmentier, abandonou a carreira artistica.



Victimado por uma affecção cardiaca, succumbiu repentinamente, em Paris, o compositor Gaston Serpette, auctor de muitas operettas conhecidas, como a *Demoiselle du téléphone*, *Cousin cousine*, *La dot de Brigitte*, etc.

Nascera em Nantes em 1846 e teve o *grand-prix* de Roma em 1871.



Henri Hiles, doutor em musica pela Universidade d'Oxford, e professor da mesma Universidade e do R. Collegio de musica de Manchester, morreu em Londres com 78 annos.

Era editor da *Musical Quarterly Review*.

Audições Musicas

Sabbado 19 de Novembro de 1904

A's 3 e meia da tarde

Recital dedicado á imprensa de Lisboa

para apresentação do

ORGÃO-EXPRESSIVO DE MUSTEL

pelo distincto artista portuense

Ex.^{mo} Sr. Ernesto Maia

PROGRAMMA

- | | | |
|---|-----------------------|-----------------|
| 1 | (a) MELODIE..... | César Franck |
| " | (b) VESPER..... | * Alph. Mustel |
| 2 | IDYLLE CHAMPÊTRE..... | * Joseph. Bizet |
| 3 | ÉVOCATION..... | * Alph. Mustel |
| 4 | (a) LE COUCOU..... | Daquin |
| | (b) SCHERZO..... | * Guilmant |
| 5 | PARSIFAL-PRÉLUDE..... | Wagner |
| 6 | THÈME VARIÉ..... | * J. Mouquet |
| 7 | FIESTA DE ALDEA..... | * Almagro |

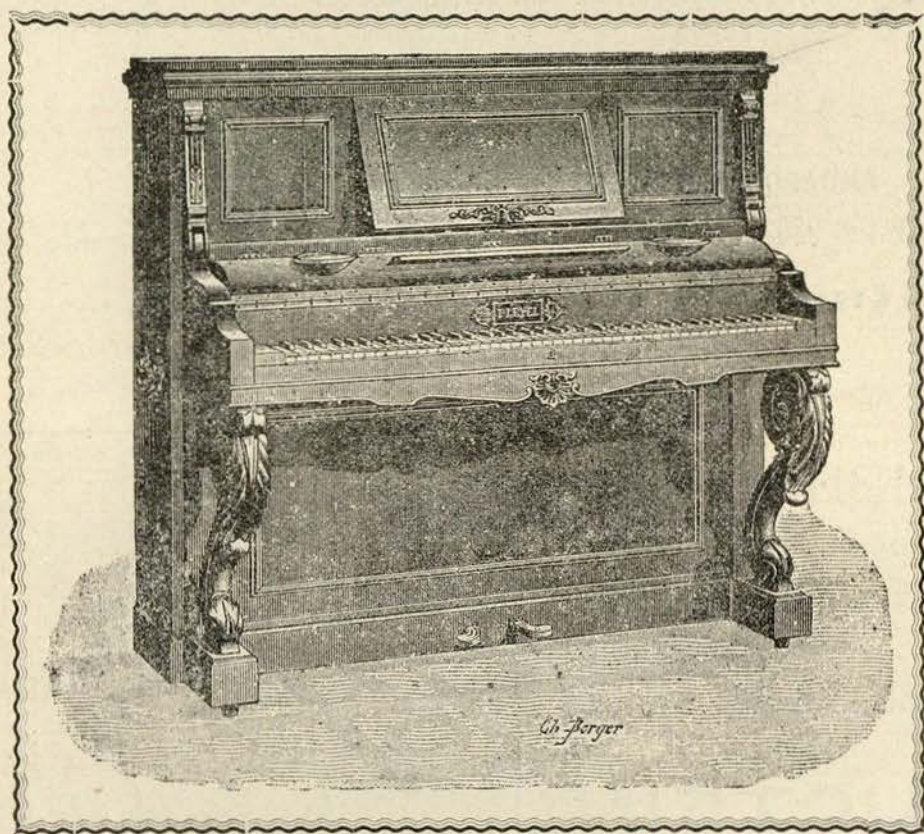
As peças marcadas * são originaes para orgão-Mustel

da Casa Lambertini

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen
» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN - LISBOA

Rua dos Correiros, 92, 1.º

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de
gravatas, colla-
rinhos e pu-
nhos.

M. G. ALVES

NOVIDADES
DE

LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

A. ALABERN

OFFICINAS DE

Photogravura e Zincographia

TERRAS DO MONTE

PATEO NARCISA

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Utill para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 - Lisboa

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afniação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LEITURA MUSICAL POR ASSIGNATURA

ALUGUEL DE MUSICA POR 500 RÉIS MENSAES

A casa Lambertini, suppondo prestar um verdadeiro serviço á Arte Musical e aos seus cultores, teve a honra de introduzir em Portugal o *Aluguel de Musica*, pelo systema ja de ha muito adoptado nas grandes casas estrangeiras da especialidade e apenas com uma differença — a de ser muito mais economico que lá fóra.

Ao principio, o systema não foi comprehendido por todos e houve hesitações em aceitar a nossa *Leitura Musical*, como uma distracção e um passatempo interessantissimos e como o unico meio de formar uma boa educação artistica.

Triumphou finalmente dos velhos habitos e rotinas, a boa orientação artistica dos nossos principaes amadores, e finalmente se comprehenderam todas as vantagens que podem advir de uma leitura constante das melhores obras musicaes em todos os generos, já pela facilidade de tocar á primeira vista, já pelo estudo dos grandes mestres, já pela analyse das diversas escolas, já finalmente, pela deliciosa distracção que isso proporciona aos que amam a divina Arte dos Mczart e dos Beethoven.

Pecam-se os catalogos e supplementos

LAMBERTINI

45, 44, 43, P. Restauradores, 47, 48, 49

ARTE MUSICAL

Compram-se os n.ºs 1, 2, 6, 9, 11, 40, 42, 56, 57 e 59 da presente publicação.

Diz-se n'esta redacção.

44, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 44

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua das Pretas, 23</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, orgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 5 r/c</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Paulo Navone , prof. de harpa e violoncello, <i>Praça da Batalha, 115, PORTO</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA